

RECOLONIZAÇÃO DO NEGUEV.

MARIZA BALSAMO STEINBERG

Instrutora da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Neguev, nome que geralmente se dá a uma região desértica, indefinida, com fronteiras políticas artificiais; delimitada pelas regiões de Lajishe e Besor (segundo alguns autores) ou pela região que se estende ao sul do vale de Beer-Sheva (segundo outros), até o extremo inferior de Israel — Eilat. Abrange aproximadamente 8.400 km², que corresponde a 40% da superfície total do Estado de Israel. Em geral as condições físicas e climáticas não eram prometedoras, pois, devido a séculos de abandono, a terra de Israel tornou-se desolada e estéril, perdendo sua natural fertilidade. Verifica-se, porém, uma mudança provocada por uma nova realidade — a história antiqüíssima do Neguev — que proporcionou informações retidas até agora e, condições até ontem irrevogáveis, hoje podem ser remediadas e retomadas.

ASPECTO GEOGRÁFICO.

Considerando-se o Neguev como um triângulo, sua base (fronteira norte) estaria representada por uma linha que partiria de um ponto da costa mediterrânea (Wadi Gaza), para contornar os montes de Hebron pelo sul; o vértice seria Eilat (de Eilat para o sul, o território de Israel estende-se por mais oito quilômetros). A outra linha seguiria a costa mediterrânea, continuando ao sul, ao longo das margens do deserto de Sinai até o Mar Vermelho. Apesar da designação geral de “deserto” aplicada ao Neguev, esta região compreende seis partes bastante diferenciadas pelo clima, relêvo, solos e pelas possibilidades de seu aproveitamento.

Distingue-se assim:

- 1). — A região costeira, ao noroeste;
- 2). — O platô, ao norte; (aonde está Beer-Sheva);
- 3). — O deserto da Judéia, ao nordeste; (aonde se encontram Sodoma, Massada, Arad);

- 4). — As montanhas, ao centro;
- 5). — O vale desértico, ou Aravá, a este;
- 6). — A costa do Mar Vermelho, no extremo sul.

A primeira destas partes possui um clima bastante sêco (menos de 250 mm. de chuvas por ano). O solo foi coberto de areia, trazida pelos ventos. Esta parte do Neguev se presta à cultura de cereais, mesmo sem irrigação, mas, os camponeses judeus irrigam as terras para a obtenção de rendimentos mais elevados.

O platô do Neguev apresenta uma paisagem de pequenas colinas áridas, formando uma superfície de altitude média de 300 metros; é a região de Beer-Sheva.

“O solo do platô do Neguev é constituído, superficialmente, por espessa camada de *loess*, trazido pelo vento de Oeste. O *loess* é um limo muito fértil, porém friável, de modo que a secura o transforma numa poeira muito fina que o vento eleva facilmente, em repentinas tempestades de areia; por outro lado, a chuva endurece a capa superior do *loess*, formando-se uma crosta muito dura e impermeável; a água forma, pois, em algumas horas, torrentes impetuosas, *wadis* (1), que escoam para o mar” (2).

Daí uma série de tratamentos de proteção do solo contra o vento e a erosão provocada pelos *wadis*, tornando assim o solo cultivável (cereais e algodão principalmente).

O deserto de Judá é uma extensão rochosa, desprovida d'água. O acesso ao Mar Morto, pelo lado israelita, passou, depois de 1948, a ser feito por esta região através da rodovia Beer-Sheva-Sodoma que possibilitou a continuação das atividades de exploração mineral da região.

As montanhas atingem até 1.000 metros de altitude, apresentando terrenos de sedimentos calcários, graníticos e cristalinos (rochas vulcânicas). Seu sub-solo é rico em minerais como o feldspato, fosfato, caolim, cobre, ferro, manganês, areia de vitrificação, etc. As condições são duras para a vida humana, devido ao clima muito quente e sêco e uma ausência total de vegetação. Existem várias estações experimentais agrícolas na região.

O Aravá é uma região que se prolonga da fossa de Gor para o Mar Morto com 400 metros abaixo do nível do mar. Apresenta um clima sêco e quente com grande riqueza mineral.

(1). — *Wadis* — corresponde ao árabe *oued* e significa leito sêco de rio que em épocas de enchentes (derretimentos de neves e chuvas) transforma-se numa torrente.

(2). — Lazare (Lucien), *Geografia do Estado de Israel* (tradução de Pedro P. Geiger); Edições Biblos Ltda., Rio de Janeiro, 1964, pág. 63.

Parte do vale do Aravá sente a influência das lagunas impregnadas de sais minerais que abundam no extremo meridional do Mar Morto. Constitui uma região árida com mistura de *loess*, aonde afloram lagunas de sais, fenômeno que se produz especialmente entre Yotveta (kibutz) e Eilat.

As minas de cobre do Neguev, situadas próximas a Timna, constituíram um importante fator econômico em tempos bblicos. Hoje em dia os depósitos minerais do Neguev transformaram-se na fonte principal de matérias primas para a nascente indústria química de Israel.

HISTÓRIA.

Quando Israel entrou de posse dessa região, o Neguev estava quase que inteiramente desabitado e sua população era composta, na maioria, de nômades, especialmente no centro e no sul. Os únicos pontos com população permanente eram o pôsto policial fronteiro de El Auja el Hafir (atualmente Nitsana na fronteira com o Egito). As estações experimentais judias (hoje kibutzim) de Gevulot (faixa de Gaza, zona de Besor), Nitsanim (norte de Beer-Sheva; *Neguev Tsfoni* (3), Revivin (Neguev — *Holot Halutza* (4), fundados em 1943, e os kibutzim estabelecidos simultâneamente em 4 de outubro de 1944 no decorrer da assim chamada “operação Neguev”; Beeri (faixa de Gaza), Gal'on (região de Lajishe), Hatserim (Neguev, região de Beer-Sheva), (Kefar Darom, atualmente na zona pertencente a Gazal, Mishmar Haneguev (norte de Beer-Sheva, Neguev Tsfoni), Nevatim (norte de Beer-Sheva, Neguev Tsfoni), Qedma (norte da região de Lajishe), Urim (faixa de Gaza), Shuval (entre Beer-Sheva e Kiriath Gat-norte de Neguev e os estabelecidos em 1947 como Ofakim (região de Besor), Sa'ad (faixa de Gaza), constituíam postos avançados no Neguev.

A experiência que acumularam êsses núcleos de população estabelecidos numa região que depende para seu sustento de chuva, que era escassa e esporádica, teve capital importância para a posterior colonização desta zona, em cuja superfície prosperavam na época nabatéia e bizantina numerosas aldeias (algumas com 10 a 20 mil habitantes, verdadeiras cidades) e populações como Sbeita, Oboba (Avdat), Halutza, Nitsana...

(3) . — *Neguev Tsfoni* — corresponde em português ao “Negro do Norte”.

(4) . — *Holot Halutza* — seriam “as areias de Halutza”.

a). — *Instituições nacionais judaicas.*

Para que possamos entender tôda essa atividade recolonizadora do Neguev devemos notar o papel da Organização Sionista Mundial criando, no comêço do século, instituições que têm um duplo objetivo:

- 1). — criar laços de solidariedade e de cultura entre o país e as comunidades judias do estrangeiro;
- 2). — sustentar os trabalhos de equipe do Estado de Israel em escala nacional.

A *Agência Judaica* é o organismo central do movimento sionista mundial. Suas funções principais residem na organização da imigração (Aliá), na formação escolar e profissional dos jovens imigrantes e na educação sionista e judia dos judeus da diáspora; edita periódicos e publicações em diversas línguas, e criou emissões radiofônicas para os países da África, Europa e América (5) (*Kol Tsion Lagolá*) (6).

Keren Kaiémet Leisrael (Fundo Permanente para Israel). A fundação do Keren Kaiémet Leisrael em 1901, contribuiu de maneira substancial para o movimento de colonização de todo Estado de Israel. Com os fundos que recolhe participa de tôdas as emprêssas, rurais e urbanas do país. Quando surgiu o Estado de Israel levantavam-se sôbre as terras do K. K. L. 279 colônias judias. O K. K. L. é reconhecido tanto pelo govêrno de Israel como pelo movimento sionista como agência de fomento do solo nacional, pois sua obra de recuperação do solo progride anualmente e compreende trabalhos que se realizam nas regiões montanhosas não prèviamente habitadas e nas áreas desérticas que permitem estabelecer novas colônias agrícolas, cujos residentes — são imigrantes em sua maioria. Atualmente os encargos do K. K. L. são:

- a irrigação.
- o reflorestamento.

Keren Haïessod (7): Enquanto o K. K. L. dedica-se à tarefa de lavrar, melhorar o solo de Israel e prepará-lo para o regresso de seu povo, o Keren Haïessod consagra esforços ao componente humano do renascimento judeu. Estabelecido em julho de 1920 na Conferência de Londres da Organização Sionista Mundial, na quali-

(5). — Lazare (Lucien), *Geografia do Estado de Israel* (tradução de Pedro P. Geiger); Edições Biblos Ltda., Rio de Janeiro, 1964, págs. 84 e 85.

(6). — *Kol Tsion Lagolá* — corresponde a uma estação de rádio cujo nome é "voz de Israel para as Diásporas".

(7). — *Keren Haïessod* — seria mais ou menos "Fonte de base" referindo-se à compra de terras para reconstrução do "lar nacional Judeu na Palestina".

dade de instrumento financeiro das atividades relacionadas com a reconstrução do “Lar Nacional Judeu na Palestina”, o Keren Haiesod contribuiu para as seguintes tarefas:

	1921-29	1930-39	1939-45	1946-48	1948-60
<i>Imigração e capacitação profissional</i>	10 %	14,4%	66,7%	26,8%	26 %
<i>colonização agrícola</i>	28,8%	33,4%		10,1%	54,1%
<i>trabalhos e moradia</i>	10,4%	10,1%	—	—	10,6%
<i>colonização urbana, comércio e indústria</i>	8%	7,5%	—	—	—
<i>organização, ajuda de emergência</i>	5,9%	11,4%	24,1%	48,7%	—
<i>educação e cultura</i>	23,8%	14,3%		—	—
<i>sanidade e serviços sociais</i>			9,2%		
<i>sociais</i>	7,7%	1%		—	—
<i>outras atividades, imigração juvenil</i>	5,4%	7,9%	—	4,4%	9,7%

A tabela abaixo ilustra a relação entre a contribuição do Keren Haiesod e o número de imigrantes e aldeias agrícolas até 1960 segundo dados por nós coligidos:

	Contribuições	Imigrantes	Aldeias Novas
1921-29 £	3.965.000	1921-23 33.000	1920-27 4
		1924-26 62.000	
		1927-31 21.000	
		1932-34 68.000	
		1935- 61.160	1928-36 64
1930-39 £	3.390.000	1936-39 90.220	1937-39 41
total £	7.355.000	total 336.380	total 109
1940-45 £	7.176.000	1940-45 54.690	1940-45 54
1945-48 £	12.184.000	1945-48 66.749	1945-48 53
total £	19.360.000	total 121.439	total 107
1948-60 Us\$	637.000.000	1948-60 984.987	1948-60 454 (8)

Durante 40 anos de sua existência o Keren Haiesod “Campanha Unida pró-Israel”, arrecadou aproximadamente 750.000.000 dólares e participou nas tarefas de imigração, imigração juvenil, estabelecimento de 710 colônias agrícolas e colocação dos fundamentos políticos, econômicos e culturais da comunidade judia do Estado de Israel. Não resta dúvida que parte desta ajuda deslocou-se para a recuperação do Neguev. A recolonização maior da região, porém, verifica-se atualmente.

(8) . — Avi Yonah (Michael), Bentor (Yaaqov), Lurie (Benzion), *Israel, manual histórico y atlas de bolsillo*, compilado por: Meyer M. Z. Herrmann, Jerusalém, The Universitas Booksellers, págs. 44, 45.

Problemas agrícolas e a radicação de imigrantes.

Um dos objetivos, além do de melhorar a agricultura manual, na zona do Neguev, era o de encontrar a forma de radicar imigrantes judeus em terras até então consideradas inaptas para o cultivo. Antes que a investigação do deserto se convertesse em assunto de interesse internacional, como é hoje em dia, a estação de investigações agrícolas (instalada então em Rehovot. Agora fazem experiências também na Universidade hebraica de Jerusalem) estava já fazendo trabalhos de experimentação sobre problemas que atualmente se consideram correntes. Em colaboração com o trabalho de engenheiros hidráulicos, químicos e outros técnicos, terras inóspitas transformaram-se em férteis.

O trabalho abrangeu estudo dos solos de Israel, o exame do sub-solo, a busca e adaptação de plantas e a recuperação de terrenos que até então haviam sido dunas e areias movediças. Homens de ciência descobriram o que mais tarde confirmaram as colônias existentes, ou seja, que as terras abandonadas do Neguev setentrional eram basicamente férteis e que o solo necessitava de nutrição adicional e cuidadosas lavagens para retirar excessos de sais, para fazê-las produtivas.

As antigas dunas movediças são mantos de vegetação e até plantações de árvores como eucaliptos, acácias . . . que são buscadoras de água. Lograram combinar a fixação das dunas com o cultivo de plantas úteis tais como feno, verduras, legumes. Demonstraram que com a irrigação adequada e uma pequena quantidade de fertilizantes as dunas podem converter-se em produtivas no final de 3 ou 4 anos.

Para conseguir tudo isso foi necessário solucionar o problema d'água e aproveitar a água do mar que embora salgada por si pode ser empregada para eliminar o sal que se acumula nas dunas, sem que a água do mar se deposite em quantidades prejudiciais para a terra.

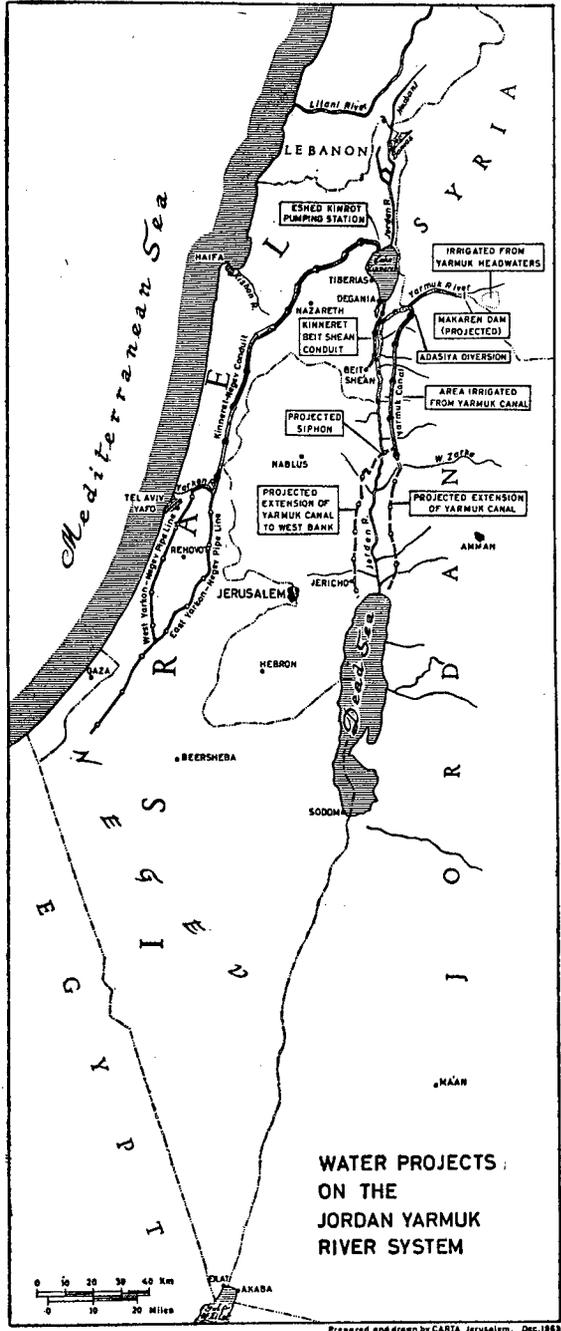
Vejamos então êsses dois aspectos importantes no processo de recuperação dos solos asiáticos do Neguev:

1). — *Irrigação do Neguev — planos de águas para o deserto.*

O desenvolvimento econômico de Israel baseia-se no máximo aproveitamento racional de todos os recursos de água disponíveis.

Existe água em abundância no Norte, escassês no centro e quase nada no Sul. O Norte goza de amplos recursos de água de chuvas (é montanhoso) — o Lago Tiberíades e o rio Jordão.

As precipitações pluviais médias, registradas num período de 30 anos, entre 1921 e 1950, variam de uns 1.000 mm por ano em



Mediterranean Sea
 LEBANON
 SYRIA
 JORDAN
 G I S S I A
 HAIFA
 TIBERIAS
 NAZARETH
 KINNERET BEIT SHEAN CONDUIT
 BEIT SHEAN
 NABLUS
 JERUSALEM
 JERICHOW
 HERBON
 BEERSHEBA
 SODOM
 AMMAN
 ANKABA
 PLATA
 Eshed Kibrot Pumping Station
 Irrigated from Yarmuk Headwaters
 Makarem Dam (Projected)
 Adasita Giversion
 Area Irrigated from Yarmuk Canal
 Projected Siphon
 Projected Extension of Yarmuk Canal to West Bank
 Projected Extension of Yarmuk Canal



WATER PROJECTS ON THE JORDAN YARMUK RIVER SYSTEM

Prepared and drawn by CARIA Jerusalem. Dec. 1969

Safad, ao norte; a uns 200 mm em Beer-Sheva, ao sul; e nada mais do que 30 mm em Eilat, extremo sul do país (9).

A tendência geral dos principais projetos de água tem sido pois, do norte para o sul, pois a metade norte do país está provida de água em abundância, sendo necessário resolver problemas locais de aproveitamento (drenagem de solos pantanosos, barragens, canais de irrigação, reflorestamento). Quase metade das águas de Israel são subterrâneas, que começaram a ser exploradas sistematicamente.

Desenvolvem-se projetos junto a rios perenes também. Uma realização, já terminada, foi o desvio das águas do Yarcon, o rio que banha Tel-Aviv, conduzindo essas águas ao Neguev. Tentam desenvolver um "Plano Geral" de abastecimento de água para o centro e o sul do país. Este plano vem desde os tempos do mandato britânico e só com a independência é que foram acelerados. Trabalha-se intensamente com base nas idéias do doutor W. C. Lawdermilk expostas em seu livro *Palestina, Terra de Promissão*. Esse plano visava a criação de uma "Superintendência do Vale do Jordão" (semelhante à *Tennessee Valley Authority* nos Estados Unidos da América do Norte). Esta realização permite o aproveitamento de terras pela irrigação — transportar águas do Jordão para o sul através de *Pipe-Lines*. Águas do Mediterrâneo seriam levadas dessa maneira para compensar a perda d'água que sofre o Mar Morto devido à intensa evaporação. O desnível entre os dois mares poderia ser usado para produção de energia elétrica.

Não foi possível a realização deste plano devido à forte oposição da Jordânia que também é banhada pelas águas do Jordão. Os jordanianos tentaram desviar o curso do rio Jordão, fazer barreiras para evitar a penetração de água em quantidade em território israelita. Desviaram o curso de afluentes do Jordão, o Yarmuk, para evitar que engrosse as águas do Jordão.

Sendo assim, Israel utiliza outros cursos d'água; o Yarcon como já foi dito, (desviar águas do Yarcon de suas origens nas fontes de Rosh Ha'ayin para o norte do Neguev) (10); águas do Kineret (lago Tiberíades) para o sul; águas dos reservatórios da Galiléia. O projeto Yarcon-Neguev já está em franca atividade mas provou ser insuficiente. Fêz-se um novo projeto complementar — "Mifal Ha Main Hartzí" (Departamento nacional de águas) que levaria água desde o mar da Galiléia, extraídas por duas possantes bombas existentes no mar da Galiléia e as uniria com o Jarkon-Neguev (vide mapa). As obras de instalação das redes de água para o Neguev estão divididas

(9). — Campos de Maria (J. Armando), *Nuevas formas de vida em Israel*, México, 1964, pág. 41.

(10). — *Rosh Ha'ayin* — "Comêço (cabeça) da fonte", seria a tradução exata.

entre a “*Tahal*” — “Planejamento de água para Israel Ltda” que executa a investigação, planejamento e desenho; *Mekoroth* que se ocupa da construção e mais tarde, dirige e opera as seções acabadas da rede nacional.

Dessa forma a profecia de Ezequiel, agora fundida nos moldes da hidráulica moderna, cumprir-se-á verdadeiramente e em Israel renascido (11).

Dessalinização das águas do mar e irrigação com água salgada.

Em terras desérticas aonde não há água suficiente para lavar o sal do solo, é necessário chegar a um entendimento com a salinidade. Os cientistas procuram plantas que se possam adaptar aos sais, como o “*juncus*”, uma variedade de juncos, que cultivado e cozido pode constituir uma base para a produção de papel. Comprovou-se também que algumas culturas podiam ser regados com água moderadamente salobra, se se agregam os fertilizantes adequados para compensar a salinidade.

Ao lado disso há um processo de dessalinização das águas do mar. Existe em Israel um Conselho Nacional de Investigação e Fomento formado por técnicos, engenheiros, cientistas e funcionários do governo. Esse Conselho colocou em prática um projeto conhecido como sistema Zarchin” por meio do qual a água do mar é dessalinizada. Projeto êste que conta com a colaboração de cientistas americanos.

Instalou-se, com êste plano, um centro de investigação e desenvolvimento, estabelecido junto ao mar em Tel-Baruch, ao norte de Tel-Aviv.

Há diferentes técnicas e métodos para a dessalinização da água do mar. Investiga-se em Israel dois métodos de dessalinização pelo frio. Congelamento ao vácuo, no qual a água do mar é gelada pela sua evaporação parcial sob baixa pressão; e congelamento pelo uso de um refrigerador externo, o congelamento logra-se por meio da evaporação de isobutano. A água assim dessalinizada pode ser útil para irrigação e indústria.

Em Eilat, extremo de Israel, desenvolve-se também planos para a dessalinização das águas do mar e o aproveitamento posterior. A dessalinização da água do mar tem papel importante na resolução dos problemas de escassês de água em muitas partes do mundo. Israel ganha muito com isto, pois poderá assim transformar o deserto num

(11). — Visão de Ezequiel — da terra atravessada por um grande rio, ladeada de “muitas árvores” e cujas águas “correm para o deserto e onde tudo verá até onde quer que o rio chegue” — Ezequiel, 47.

verdadeiro jardim irrigado quer pelas águas dessalinizadas quer pelas águas meio salobras que, com certos produtos químicos como antídoto, também contribuem para a realização de tal projeto.

Aspecto humano.

Interessante mencionar como se formaram novos métodos para cuidar do aspecto humano e do estabelecimento agrícola à medida que este se desenvolvia principalmente depois de 1948 (época da independência). Abolindo-se as restrições concernentes à imigração judia, tornou-se possível a solução imediata do problema dos refugiados judeus de após-guerra.

Havia muita terra disponível, mas a nova horda de imigração não era de nenhum modo selecionada. O tipo de pessoa padrão que se devia estabelecer já não era o indivíduo jovem em bom estado físico, agora era necessário atrair e estabelecer uma unidade familiar constituída por três gerações: avós de idade avançada, dependentes, pais de meia idade, crianças dependentes com pais nem sempre em perfeita saúde, sem experiência agrícola e sem meios próprios.

A imigração em massa veio de duas áreas principais: da Europa, os sobreviventes do nazismo; e dos guetos urbanos apinhados de gente das cidades principais do mundo árabe.

As pessoas tinham de ser imediatamente estabelecidas na terra, pois que a alternativa existente era a de deixá-los desaparecer em campos de imigrantes enquanto importasse alimentação para seu sustento.

Era necessário empreender rapidamente o desenvolvimento agrário em larga escala. Em primeiro lugar ter-se-ia de alimentar a população crescente e a importação de produtos alimentícios constituía um pesado gravame para os recursos financeiros do país. Os novos habitantes necessitavam de empregos e não poder-se-ia descuidar as possibilidades que ofereciam, nêsse sentido, a colonização agrária. Outro problema era o da defesa do país. A experiência acumulada até então, e particularmente nas guerras de libertação, campanha do Sinai e a atual de junho de 67, indica de modo terminante que as únicas zonas defensáveis são as povoadas.

Esse nôvo elemento que se oferecia criava o problema da instrução agrícola. Já não era mais possível capacitar, os recém-chegados, pouco a pouco, enviando-os aos laranjais durante a colheita.

Procurava-se solucionar o problema instalando-os em aldeias novas com um instrutor agrário permanente. Exortou-se aos agricultores

veteranos que ajudassem aos novos colonos. Muitos agricultores e suas famílias abandonaram suas próprias granjas e passaram a viver e trabalhar com os recém-chegados. Surgiu também outro problema: como adaptar a política agrária às necessidades do novo colono. A maioria desconfiava do futuro da agricultura, pelo menos enquanto se referisse a êles. Não foi tarefa fácil superar êsses preconceitos; introduzir ao lado de produtos que começam a produzir depois de 3 a 4 anos, outros que amadureciam rapidamente.

Surgiu também o problema de como proporcionar trabalho aos colonos durante a formação da colônia agrícola, enquanto não estivessem em condições de viver do produto da própria terra. Resolveu-se êsse problema empregando o novo colono em obras públicas, melhoramentos do solo, reflorestamento, construção de estradas, etc.; feitos nas proximidades de suas casas. A questão primordial ainda é como aumentar, da melhor maneira, a produção agrícola e desenvolver uma população rural; criando pequenas aldeias baseadas em pequenas propriedades individuais, ou cultivando a terra em grandes fazendas pertencentes a companhias públicas ou privadas usando os novos imigrantes como trabalhadores sob a direção de peritos, ou criando granjas baseadas em propriedades coletivas? Teoricamente o segundo método, ou seja, cultivar terras em grandes fazendas pertencentes a companhias públicas ou privadas, eliminaria ou reduziria ao mínimo o desperdício do equipamento e gado e por outro lado treinaria grande número de imigrantes como agricultores, ao mesmo tempo em que ganhavam a vida. Êste sistema não produziria uma comunidade agrícola enraizada, mas uma coleção de trabalhadores empregados, mudando de um emprêgo para outro e estaria em contraste com a filosofia prevalecente no país e com suas aspirações sociais, não tomando responsabilidades de maiores vultos, mas menores, e não recolonizando verdadeiramente, pois é evidente que a tentativa de construir a comunidade é que tem sido de grande importância e que determinará o curso dos acontecimentos.

Essas grandes fazendas servirão apenas de escolas de treino para o novo trabalho e geralmente cedem suas terras a comunidades agrícolas independentes que estejam dispostas a cultivá-las. Houve um exemplo especial no norte do Neguev. Até há doze anos, existiam grandes áreas livres favoráveis à produção de trigo. Essas áreas foram oferecidas, em arrendamento, às aldeias, na maioria *kibutzim*, ao norte de Israel, com a condição de cultivá-las a suas próprias custas. Tratores começaram a trabalhar e a terra foi plantada; em 1958 essas aldeias já haviam adquirido experiências suficientes para justificarem o fato de se lhes transferir as terras.

Moshav e Kibutz.

Os dois tipos de colônias agrícolas que se desenvolveram nessas terras desérticas foram os *moshaviam* e os *kibutzim*, sendo que os primeiros se concentraram mais na zona norte do Neguev conhecida como *Lajishe* e os segundos expalharam-se pelo Neguev todo até seu extremo sul junto a Eilat.

Moshavim: tipos e elementos humanos e sentido de comunidade.

Existem duas formas de cooperativismo agrário: *moshav ovdim* e o *moshav shitufi*:

Moshav ovdim é uma colônia cooperativa baseada na produção individual e na comercialização coletiva, na propriedade privada e na família. Cada membro do *moshav* recebe uma parcela da terra que trabalha por sua conta, percebendo o obtido na venda de sua produção; condições estas que fazem inevitável a desigualdade entre seus membros (quanto mais braços tiver uma família para o trabalho maior será sua produção). O cooperativismo na comercialização é um dos fundamentos do *moshav*. A contadoria registra a produção entregue pelos membros e contabiliza a favor dos mesmos o produto da venda. O mesmo sistema rege o consumo. Todo colono compra no armazem cooperativo: alimentos, forragens, ferramentas e outros materiais. Material para trabalho, a terra e a moradia, conseguem comprar com facilidades; a longo prazo e sem juros.

Se o *moshav* é grande, possui escola, enfermaria, cinema, biblioteca . . . sendo pequeno, dirigem-se à cidade mais próxima para estudos e assistência médica. A administração do *moshav* repousa numa assembléia geral que tem autoridade máxima e anualmente realiza-se a assembléia extraordinária para a consideração do balanço anual e a eleição das autoridades executivas. Estas são: um secretariado e um comitê executivo mais amplos e uma série de comissões (educação, cultura, etc.) que complementa a realização dos órgãos executivos.

O cooperativismo no *moshav* não se limita unicamente à comercialização e ao consumo; maquinária agrícola pesada é sempre propriedade coletiva. Estes *moshavs* possuem terras que destinam coletivamente ao cultivo de cereais ou às frutas cítricas onde o produto da colheita é repartido equitativamente entre os membros. Para o cultivo de tais terras pratica-se a corvea, cada um dos membros do *moshav* dá um dia da semana de trabalho para o campo comum.

Moshav shitufi: poderia ser definido por um *kibutz* pela produção e um *moschav* pelo consumo, pois existem parcelas das duas for-

mas de colonização não existe parcela individual e há um único tipo de economia: a coletiva. As terras, edifícios, instalações e maquinaria agrícola, assim como o produto das vendas, constitui propriedade conjunta de todos os membros da comunidade. Mobiliário, pertences pessoais são de propriedade privada.

Do ponto de vista administrativo o *moshav shitufi* difere muito pouco do *kibutz*. A Assembléia Geral, a última instância que também resolve mensalmente, em reunião, quanto entregar a seus membros para seus gastos mensais (coisa que não existe no *kibutz*). Não existe salário fixo. A autoridade executiva é delegada a um secretário e seu trabalho é complementando pelas diferentes comissões (saúde, cultura ...).

O *moshav shitufi* trata de sintetizar as vantagens do *kibutz* e do *moshav*. Do *kibutz* tomou a organização coletiva da produção: a igualdade como princípio básico, o sentido da responsabilidade coletiva e a renúncia às prerrogativas da iniciativa privada. Do *moshav* conservou a estrutura familiar, os moldes educativos tradicionais e o consumo individual. Não existem colônias deste tipo principalmente no Neguev(aonde vingou mais o *moshav ovdim* no norte e os *kibutzim* em tôda sua extensão.

a). — *Elementos humano dentro dos moshavim.*

Havia o problema de como criar numa comunidade com elementos tão díspares como eram essas levas de imigrantes. A princípio pensou-se em unir numa aldeia pessoas de procedências diversas com o objetivo de fundi-las numa comunidade homogênea. Na maioria dos casos um ou outro grupo étnico abandonava a aldeia.

Depois de inúmeras experiências, originou-se um método até hoje aplicado que consiste em estabelecer povoados reduzidos, mais homogêneos, integrados por pessoas não só da mesma origem, como inclusive procedentes de idêntico meio ambiente.

b). — *Sentido de comunidade e seu desenvolvimento.*

Desenvolvimento de uma entidade comunal em cada aldeia, representa uma tarefa difícil. Aprendeu-se a devotar igual atenção aos problemas comunais e sociais como aos problemas econômicos e de trabalho. Ao lado de um instrutor agrícola (destinado a administrar ensinamentos aos imigrantes novos e inexperientes no setor agrícola) encontra-se o conselheiro social cujo trabalho é conseguir que a aldeia desenvolva instituições comunais para encorajar o contrôle, a coesão e o espírito de responsabilidade da comunidade. E' evidente que a es-

perança de novas aldeias repousa na juventude, despertar nas mesmas o gôsto pela terra e o espírito de pioneiro. De acôrdo com isso tem-se dado ênfase crescente às escolas agrícolas.

Kibutz: — definição, elemento humano e organização.

Kibutz é uma sociedade comunitária onde os meios de produção pertencem à comunidade. É uma sociedade sem dinheiro; o membro do *kibutz* dá seu trabalho e recebe em troca tudo o que necessita.

O *kibutz* rege-se por um sistema de democracia direta, no estilo da Grécia Antiga (é uma ONU em miniatura). O órgão supremo é a *Assembléia Geral* que se reúne cada semana ou duas vezes por mês e decide sôbre todos os problemas coletivos. Dela participam os membros do *kibutz* com direito a voto. O órgão executivo é o *Secretariado* cujo número varia de 5 a 10 membros.

Dentro do secretariado o *kibutz* possui dois membros importantes: tesoureiro e administrador da fazenda.

O tesoureiro é responsável por todos os problemas econômicos, consegue empréstimos, dirige vendas, orienta inversões e intervém diretamente na planificação econômica do *kibutz*, tanto na produção quanto no consumo. O administrador é sempre um agricultor de vasta experiência e preparo. É o gerente de uma grande empresa agrícola e responsável por seu funcionamento. Ao lado do secretariado cabe agregar as diferentes comissões encarregadas de diversos setores dos quais os mais importantes são: educação, assuntos sociais, cultura, trabalho, planejamento econômico . . . etc.

O Secretariado e as comissões são rotativos, anuais, enquanto o administrador da fazenda e o tesoureiro permanecem em seus cargos por dois anos no mínimo.

Do ponto de vista econômico os *kibutzim* funcionam como grandes mixtas, nas quais os diversos ramos da agricultura completam-se.

Há muitos *kibutzim* com empresas industriais de diversos tipos, sempre visando aumentar o nível do *kibutz* (para poder manter um alto nível de vida).

A produtividade no trabalho é muito alta no *kibutz*, isso devido ao considerável grau técnico-mecânico da agricultura e a um elevado nível de preparação técnica de seus membros. A maioria dos *kibutzim* fixam-se em terras áridas que exigem um longo e paciente trabalho de preparação.

O *kibutz* dá uma segurança social aos seus integrantes, tem uma assistência médica-dentária e serviços hospitalares. A educação das crianças é coletiva desde o nascimento, pois, ao nascer passam a viver numa casa especial, aos cuidados de enfermeiras especializadas.

Daí passam para casas de 6 crianças aos cuidados de pessoas especializadas, depois para o jardim da infância, escola e 1º e 2º ciclos coletivos.

Durante todo êsse processo não se perde a unidade da estrutura familiar, os pais veem diariamente os filhos após o trabalho.

A dinâmica da vida kibutziana exige intenso ativismo comunitário porque o coletivo pleiteia multiplas exigências ao indivíduo.

O elemento humano que se deslocou para êsse tipo de colônia agrícola é dos mais variados, provenientes geralmente dos países da Europa, Estados Unidos da América do Norte e países da América Latina.

Geralmente os *kibutzim* apresentam elementos provenientes de dois ou três países ao se formarem, depois outros elementos foram incorporados. Em maio de 1948, quando os árabes atacaram o estado de Israel, recém-nascido, existiam, já no Neguev, 27 colônias em diversas fases de desenvolvimento. Em outubro de 1948 iniciou-se oficialmente a colonização em larga escala do Neguev. Iniciou-se o desenvolvimento agrícola do *aravá* onde se fundaram nos últimos anos vários *kibutzim* como Ein-Guedi, Nevot Hakikar, no extremo sul do Mar Morto; Ein Yahav, Yotvtá, Eilat, Grofit (estabelecido em 1963) e projetam-se fundar muitos outros nesses últimos anos.

Exploração industrial do Neguev e o Mar Morto.

A exploração industrial do Neguev, principalmente na região do Mar Morto é um dos fatores importantes para a concentração populacional no Neguev. Pela Bíblia sabemos que o Neguev é “uma região cujas pedras de ferro e de cujas colinas se pode extrair cobre”. Em 1949 já iniciava-se a industrialização do Neguev; em 1950 a lista de minerais que encerrava o Neguev aumentava. Incluía: fosfatos, cobre, manganês, feldspato, mica, argila, fluorita, cromo, enxofre, calcáreo, rocha betuminosa, gesso, petróleo, gás natural; etc. A “corporação mineira Israelita”, estabelecida com objetivo de supervisionar a exploração, começou a funcionar e Israel com isso revela-se como um dos poucos países do mundo que possui matérias primas necessárias para a produção de três tipos principais de fertilizantes inorgânicos: fosfatos, nitratos e potássio, Em Timna, não longe de Eilat, encontram-se depósitos de cobre e manganês. O petróleo também converteu-se em algo popular no Neguev. Gás natural é encontrado em Rosh Zohar, perto do Mar Morto, e nas proximidades de Beeri no Neguev Setentrional.

Mar Morto — é a maior fonte israelita de minerais. Contém águas salobra em quantidade quase ilimitadas, tanto potássio como

bromo, cloreto de magnésio e outros sais parecidos. Situado a 392 m abaixo do nível do mar, o Mar Morto, contém em termo médio umas 270 gramas de sal por litro — oito vêzes mais que as águas marinhas.

As indústrias do Neguev expandem-se e desenvolvem-se constantemente enquanto prossegue a busca de minerais novos, as investigações assim como a inversão de capitais. A proximidade das jazidas de fosfato, potássio e gás natural oferecem condições quase ideais para o estabelecimento de indústrias de fertilizantes e outros produtos químicos. Ampliam-se sempre as instalações industriais no Mar Morto, o campo de produção cresce, aumentando a necessidade de mão-de-obra, provocando deslocamento de população para o Neguev e criando assim novas cidades.

Cidades estabelecidas e as recolonizadas, Beer-Sheva.

Quando caiu nas mãos israelitas era uma aldeia poeirenta e marcada pelo tempo, digno ponto de encôntro para os beduinos. Terminada a guerra Beersheba (12) foi posta sob govêrno militar. Em princípios de 1950 transformou-se em município com uma população de 1400 pessoas. Contava já com um centro de saúde, erguiam-se já as primeiras 250 casas pré-fabricadas e funcionava um departamento de correios e telégrafos. Começou a colonização em grande escala, acelerada pela política de imigração ilimitada que havia aberto as portas a muitos imigrantes nos primeiros quinze meses de existência de Israel. O govêrno e autoridades de colonização encaminhavam grande parte destes imigrantes ao Neguev e Beersheba era seu centro. Para reviver a cidade necessitava-se de especialistas em diversos campos: agricultura, sanidade, moradia, administração. Em fins de 1951 a população atingia 15 mil pessoas. Dessas só 400 careciam de alojamento adequado e viviam em acampanmentos de trânsito.

Abriram-se 600 estabelecimentos comerciais onde existiam apenas três. Atualmente a cidade conta com quase 70.000 habitantes e prepara-se para receber anualmente centenas de imigrantes. Beer-Sheva converteu-se no centro econômico e cultural do Neguev. Converteu-se num centro turístico principalmente devido a atuação que exerce o mercado de beduinos às quintas-feiras.

Eilat — O renascimento de Eilat é importante, pois é a saída de Israel para o Mar Vermelho (o fechamento do estreito de Tiran, entrada do Gôlfo de Akaba provocou a guerra de junho último, pois tirava de Israel sua saída para o Mar Vermelho e sua comunicação

(12). — Beersheba — de acôrdo com a Bíblia, mas usa-se também escrever Beer-sheva [no hebraico moderno = região de 7 fontes ou poças].

com a África e o Extremo Oriente), pois está situada no limite extremo do deserto. Evocando um passado remoto, próximo a Eilat atual encontrava-se a cidade de Etsion Gueber, de onde a frota de Salomão dirigia-se a Ofir.

Eilat é uma cabeça de ponte que une dois continentes; o canal terrestre entre dois mares; a rota alternativa do canal de Suez. Acha-se a 250 km sul de Beersheba. Em 1957 asfaltou-se a estrada que liga Eilat a Beersheba, permitindo assim a caminhões pesados ligação de Israel industrial e agrícola com seu porto meridional. 13.000 israelitas, dos quais 4.090 são imigrantes novos estabeleceram-se em Eilat. A vida na região exigia tenacidade no passado, como exige no presente; é uma cidade terrivelmente quente no verão, 53° a sombra é temperatura que se registra com freqüência. O custo de vida é elevado e as comunicações aéreas e terrestres com Beersheba e Tel-Aviv, por mais freqüentes que sejam, são limitadas. Para atrair população, o governo construiu mais de 3.000 vivendas, procurando fazê-las confortáveis e baratas. Os moradores de Eilat estão parcialmente isentos de pagar impostos e gozam de outros benefícios: podem adquirir aparelhos de ar condicionado, geladeiras, livres de taxas. É uma cidade próspera onde o turismo é bastante desenvolvido.

Além dessas duas cidades reestabelecidas, outras novas são incrementadas como Dimona, Arad, Mitspe-Ramon . . .

Dimona — estabelecida na metade do caminho de Beersheba a Sodoma, fundada em 1955 para dar alojamento aos operários que trabalhavam nos obras do Mar Morto. A imigração aumentou sua população que em 1964 contava com 16.900 habitantes. Além do trabalho ser na extração e fábricas de potássio de Sodoma também existem fábrica textéis locais e indústrias de construções na cidade.

Yeruham — surgiu do primeiro acampamento temporário (*ma-abará*) do Neguev erigido em 1951, próximo a Beer-Sheba. Próxima às jazidas de fosfato de Oron com uma população de 4.500 pessoas que trabalhavam em sua maioria nas minas de fosfato, nas fábricas existem fábrica textéis locais e indústrias de construções na cidade.

Mitspe-Ramon — com seus 1.450 habitantes é centro de uma região rica em minas de extração e pedreiras de cantaria — o *Mestspe Ramon* (cratera Ramon) da qual se extraem areia, matérias primas para a produção de louça e sulfato de cálcio.

Arad — local da antiga cidade cananita que dominava o Mar Morto desde as mais saudáveis altitudes dos montes da Judéia (650 m. acima do nível do mar Morto) é a mais jovem das cidades do Neguev, nascida em novembro de 1962. O grosso de sua população

de 900 pessoas trabalha nas obras do Mar Morto, na indústria de construções e nas oficinas de exploração dos recursos da região.

Têm possibilidades de converter-se num centro industrial de onde extrair-se-á mármore, fosfato e areia.

O beduíno e o seu papel — indústria e agricultura atraíram imigrantes e contribuíram para o renascimento do Neguev como fonte de renda para o Estado de Israel, contudo não podemos deixar de citar como elemento humano que contribui para esta obra, em parte, o beduíno.

A influência que Israel exerceu nos 20.800 beduínos espalhados pelo Neguev foi rápida e profunda. Hoje em dia os beduínos do Neguev cultivam 40.000 hectares de terra, 25.000 dos quais é trabalhada anualmente, outras 1.500 deixam-se em descanso e servem como terra de pastoreio nos anos em que não são cultivadas. Os tratores, adubos químicos, cortadoras, trilhadoras, serviços de peritos em diversos campos, arrendamento de terras fiscais, tudo isso contribuiu para elevar a produção agrícola dos beduínos. Funcionam no Neguev dispensários para beduínos, além dos serviços especiais de um médico governamental que visita regularmente as tribos principais e o trabalho da liga anti-tuberculosa graças à qual se reduziu consideravelmente esta praga, responsável pela alta mortalidade entre populações paupérrimas. Alguns *sheiks* do Neguev lançaram campanhas destinadas a fomentar o ensino entre as crianças: 15 escolas foram fundadas a partir de 1948 e atualmente três dos mestres são beduínos. O fato de meninas beduínas irem à escola e assistirem às mesmas aulas com os rapazes não deixa de ser algo revolucionário.

O ano agrícola de 1963-1964 foi precedido por seis anos consecutivos de seca. Nesta época muitos beduínos deslocaram-se para o Norte em busca de pastos para seus rebanhos enquanto outros dedicaram-se a trabalhar como operários na indústria de construção e nas cidades do Neguev ou como jornaleiros nas colônias agrícolas.

O beduíno em Israel troca rapidamente sua tenda por casas de tijolos.

CONCLUSÃO.

Em Israel o progresso e a tradição marcham juntos; daí o respeito que os israelitas professam pelos arqueólogos num país onde se tropeça com a história a cada passo. Assim pelas escavações arqueológicas efetuadas e que se efetuam no Neguev, podemos ver cida-

des como Shivita (Sheitá), Avdat (Oboda), Nitzana que desenvolveram agricultura e processos de irrigação típicos para a região. Estas experiências permitem-nos cultivar novamente êsse solo árido do deserto coberto por um manto de areia e cascalho, atrair imigrantes, incentivar o repovoamento através das colônias agrícolas e da indústria de extrações de minerais. O Mar Morto com suas características oferece um campo aberto para pesquisas e explorações minerais, atrai elemento humano. E' de importância cabal êsse repovoamento do deserto não só por constituir o mesmo mais de 40% do território israelita como também por uma questão de defesa. Sob o ponto de vista estratégico é imprescindível a recolonização do deserto, principalmente junto à faixa de Gaza (zona de Besor), ao longo do deserto de Sinai, nas fronteiras com o Egito e próximo a Eilat (na zona do Aravá), para garantir a saída pelo Mar Vermelho.

O reflorestamento dêsse deserto poderá levar, num futuro embora longínquo, a uma mudança no próprio clima.

Quem sabe a mesma já não se verificou por um processo de ressecamento nestes dezoito séculos de abandono?

*
* *
*

BIBLIOGRAFIA

- Avi-Yona (M.), Bentor (Y.) e Lurie (B.) — *Israel, Manual historico y atlas de bolsillo*. Jerusalém. Ac. Press. Ltd, Jerusalém, 1963.
- Butler (Peggy) — *Arad — nueva ciudad en el desierto*, in Rev. "Israel", nº 5, 1965-66; Dep. de Inf. do Ministério de Relações Exteriores de Israel, Jerusalém, 1966, pág. 18.
- Campos (Armando de Maria y) — *Nuevas formas de vida en Israel*. CA editor, México, 1964.
- Friedler (Egon) — *El corporativismo en Israel*. Centro de Inf. de Israel para a América Latina. Jerusalém, 1965.
- Gillon (Hadassah y Philip) — *La fecunda cosecha del Mar Muerto* —, in Rev. "Israel", nº 6, 1966 — Dep. de Inf. do Ministério de Relações Exteriores. Jerusalém, 1966, pág. 41.
- Harman (Avrahan) — *Agricultura* (Col. Israel de Hoy, nº 2), "Cronicas". Jerusalém, 1965.
- Lazare (Lucien) — *Geografía do Estado de Israel* (trad. Pedro P. Geiger). Edições Biblos Ltda. Rio de Janeiro, 1964.
- L'Institut du Neguev de Recherches sur les zones arides* (Conseil National pour la recherche et le developpement), Nurock Max, editor, Jerusalém, 1965.
- Perrot (Jean) — *Beersheba y el Neguev 5000 años atrás* — "Ariel" — Rev. de arte y ciencias de Israel, nº 11 año 1966, pág. 73.

- Prushansky (Yehoshua) — *El agua y sua explotacion* (Col. Israel de Hoy, n.º 11). — “Cronicas”, Jerusalém, 1965.
- Samuel (Rina) — *El Neguev* (Col. Israel de Hoy n.º 6), “Cronicas”, Jerusalém, 1965, (4a. edição).
- Stamm (Gilbert G.) — *Observation of irrigation practices and projects in Israel*, ICID, Newsletter Supplement, n.º 2 (Special report), maio, 1963.
- Zohary (M.) — *Ecological Studies in the vegetation of the Near Eastern deserts* in “Israel Exploration Journal”, vol. 2, n.º 4, Jerusalém, 1952, pág. 201.